



A Igreja Adventista do Sétimo Dia no Brasil: inserção e desenvolvimento institucional

*The Seventh-day Adventist Church in Brazil:
insertion and institutional development*

Francisco Luiz Gomes de Carvalho

Doutorando em Ciência da Religião pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), mestre em Ciências da Religião pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), graduado em Teologia e em Pedagogia, São Paulo, SP - Brasil, e-mail: fluizg@yahoo.com.br

Resumo

A inserção da Igreja Adventista do Sétimo Dia (IASD) em terras brasileiras é constituinte do espectro maior da empreitada estadunidense no Brasil, que, tendo feito da Europa solo fértil para evangelização, desembarcou em solo brasileiro nas correntes imigratórias europeias. Somente fundamentada em uma compreensão densamente elaborada é que se tornou inteligível a relação da inserção da IASD no continente sul-americano nas tramas da chegada do Protestantismo. Por sua vez, a compreensão acerca do processo de institucionalização denominacional que permeia a inserção e o desenvolvimento da IASD nestas terras é subjacentemente tecido com base nas considerações de reverberações weberianas e aponta que a inserção da IASD no Brasil manteve amplas

e imbricadas relações com diversos fatores sociohistóricos que, por sua vez, atuaram como condicionantes.

Palavras-chave: Igreja Adventista do Sétimo Dia. Institucionalização. Protestantismo.

Abstract

The insertion of the Seventh Day (SDA) Adventist Church in Brazilian territory is a constituent of the larger spectrum of American enterprise in Brazil, which has made Europe fertile ground for evangelization landed on Brazilian soil in European immigrants. Only based on a densely developed understanding is that it has become intelligible the relation of inclusion of SDA in the South American continent in the plots of the arrival of Protestantism. In turn, the understanding of denominational institutionalization process that permeates the inclusion and development of these lands is underlyingly SDA tissue based on considerations of Weberian reverberations and suggests that the insertion of the SDA church in Brazil kept broad and overlapping relationships with several factors sociohistorical which in turn acted as constraints.

Keywords: Seventh-day Adventist Church. Institutionalization. Protestantism.

Introdução

O texto que ora se apresenta é resultante de uma pesquisa bibliográfica que, lastreada por uma abordagem fundamentada em Mendonça (2004, 2008), apresenta a trama dialética que indiciou os elementos que corroboram para identificar que a IASD se apresentou como constituinte da empreitada missionária norte-americana nestas terras, de forma que, mesmo pautando estreitas relações com o protestantismo de imigração, tem suas nuances e contornos evidentemente assentados no protestantismo de missão/conversão. Tal compreensão apontou a força vigorosa do pragmatismo da fé protestante (LEONARD, 1963) no interior da IASD, que fazendo uso de propaganda indireta buscou estabelecer na institucionalização da obra as estratégias de agregação de novos adeptos (PASSOS, 2006), de modo que a atualização de sua missão revela que a

compatibilidade entre a religião e as mudanças sociais está sedimentada em sua capacidade de encontrar e reforçar em si mesma os referenciais simbólicos (MARTINO, 2003).

A inserção da IASD no Brasil

Diante da categorização do movimento de inserção protestante no Brasil feita por Mendonça (2008), é possível constatar que a inserção da IASD esteve ligada ao espírito do protestantismo missionário, mesmo que a gênese da Igreja Adventista do Sétimo Dia em terras brasileiras esteja intimamente ligada aos imigrantes, de modo particular à imigração alemã.

Os anos finais do século XIX e início do século XX evidenciavam que a cena social, política e econômica do Brasil se apresentava bastante transformada, de forma que as elites rurais e agrárias, bem como a burguesia urbana surgida com o início da urbanização e industrialização impeliam suas forças no aparelho estatal (MESQUIDA, 1994). Além do mais, as diversas mudanças socioeconômicas que influíram na sociedade brasileira evidenciaram a necessidade de novas políticas administrativas. Com a extinção do trabalho escravo, o país implementou uma política de subvenção à imigração, tanto que na virada do século a imigração era maciça e de grande contingente (CALDEIRA, 1997). Nessa direção, Azevedo (1971) assinala que:

Em nenhuma outra época do século XIX, depois da Independência, se prepararam e se produziram acontecimentos tão importantes para a vida nacional como no último quartel desse século em que se verificou o primeiro surto industrial, se estabeleceu uma política imigratória, se aboliu o regime de escravidão, se iniciou a organização do trabalho livre e se inaugurou, com a queda do Império, a experiência de um novo regime político. (AZEVEDO, 1971, p. 615)

Apesar de muitas incógnitas referentes à inserção da IASD no Brasil, a versão mais aceita e comumente difundida relata que um jovem chamado Borchardt, foragido em viagem para a Europa no navio alemão que fazia a linha Europa-América do Sul, conheceu missionários

adventistas que distribuíam literatura. Ele forneceu o nome e endereço de seu padrao Carlos Dreefke, luterano que residia em Brusque (SC). Abordando essa parte específica da história da chegada do adventismo ao Brasil, Greenleaf (2011, p. 25) ressalta que “infelizmente para os registros, ninguém documentou de forma conclusiva essa parte da história [...]”.

Fato é que Carlos Dreefke recebeu exemplares da revista *Stimme der Wahrheit* (*A Voz da Verdade*) por volta de 1884 (BORGES, 2000). De forma mais acidental do que proposital, exemplares da revista chegaram aos lares de imigrantes alemães e muitos leitores levaram a mensagem a sério, tanto que o casal Joana e Guilherme Belz, após a leitura da revista e de outro livro, passou a observar a guarda do sábado. Dessa forma, vários núcleos de observadores do sábado foram se formando pela região.

As notícias sobre conversos germânicos no Brasil chegaram à liderança denominacional estadunidense antes mesmo que obreiros oficiais aportassem em solo brasileiro. Cartas de leitores de Santa Catarina enviadas e publicadas¹ na *Review and Herald* indicavam que: “Outros núcleos de pessoas que professavam a fé adventista, sem serem ainda batizadas, começaram a surgir em decorrência da circulação de literaturas adventistas a partir de 1884” (TIMM, 2005a, p. 13).

Logo nos primórdios da chegada não oficial da IASD a estas terras a expansão do adventismo se deu através da obra de publicações empreendidas por colportores missionários (Albert. B Staufer – 1893, W. T. Thurston – 1894, Alberto J. Berger e J. Frederico Berger – 1895) que aqui desembarcaram. Pois que:

Por serem obreiros de sustento próprio, não apresentavam risco financeiro à igreja, mas compreendiam que deveriam incluir o maior número possível de atividades evangelísticas em sua agenda de trabalho, a fim de proporcionar conversões. Isso era o máximo que podiam fazer, uma vez que não tinha autorização para batizar ou organizar congregações formais (GREENLEAF, 2011, p. 37).

¹ Na seção “Progress of the Cause” aparecem trechos de cartas: From Russia and South America. *Adventist Review and Sabbath herald*, v. 63, n. 1, Battle Creek, 5th January, 1886, p. 13; The Work in Brazil, South America. *Adventist Review and Sabbath Herald*, v. 65, n. 10, Battle Creek, 6th March, 1888, p. 157. Disponível em: <<http://www.adventistarchives.org/documents.asp?CatID=27&SortBy=1&ShowDateOrder=True>>. Acesso em: 10 set. 2013.

Somente em 1894 a Denominação resolveu enviar ao Brasil o primeiro pastor ordenado, Frank H. Westphal. Ele já estava trabalhando na América do Sul, em países como Argentina e Uruguai. Esse pastor empreendeu viagens e pregações por São Paulo, Joinville e outras cidades no sul do Brasil, sendo que em Piracicaba (São Paulo) fez o primeiro batismo em abril de 1895. O primeiro converso batizado em território brasileiro foi Guilherme Stein Jr. (1871–1957), o que fez iniciar formalmente a história da IASD no Brasil. A primeira viagem do pastor Frank H. Westphal ao Brasil durou cinco meses, nos quais, além de encontrar conversos alemães, celebrar a cerimônia de Santa Ceia e realizar batismos, organizou a Primeira Igreja Adventista do Sétimo Dia no Brasil, em Brusque² (WESTPHAL, 1895, p. 459).

A despeito de algumas divergências históricas referentes à chegada oficial da IASD, bem como à organização das primeiras igrejas adventistas no Brasil, Timm (2005b) afirma que:

Seja como for, as evidências históricas comprovam que, em dezembro de 1895, já existiam no Brasil três igrejas organizadas, além de outros grupos de adventistas. Como mencionado acima, a primeira igreja adventista no Brasil (a de Gaspar Alto) foi organizada em Brusque, Santa Catarina, no dia 15 de junho daquele ano; e a segunda, no Rio de Janeiro, em 27 de outubro. A terceira igreja adventista foi organizada em Santa Maria do Jetibá, Espírito Santo, em 14 de dezembro (TIMM, 2005b, p. 14).

Como a obra de publicações antecedeu a obra pastoral no estabelecimento do adventismo no Brasil, sabe-se que, além de exemplares de revistas enviadas a terras brasileiras, alguns colportores adventistas, dispondo de literatura em inglês e alemão, dirigiram-se para o sul do país.

No Brasil, Albert Bachmeyer, um jovem marinheiro alemão que já era cristão comprometido, se converteu ao adventismo depois de conhecer Snyder, no Rio de Janeiro. Sem demora, o novo converso começou a vender literatura. Por volta de 1894, estava trabalhando com os imigrantes

² Para mais detalhes referentes à obra de F. H. Westphal em países da América do Sul, como também detalhes referentes à sua viagem ao Brasil, ler: WESTPHAL, F. H. *Pionero en Sudamerica*. Entre Ríos, AR: Centro de Investigación White, 1997.

alemães nos estados de São Paulo e Santa Catarina. Foi ele que descobriu as famílias que guardavam o sábado em Brusque e Gaspar Alto, e que formariam, posteriormente, o primeiro núcleo do adventismo no Brasil (GREENLEAF, 2011, p. 33).

Na busca por entender as relações existentes entre a inserção da IASD no Brasil e as comunidades alemãs, Schünemann (2003, p. 31) indica que a “[...] presença de colônias alemãs, que se mantinham relativamente isoladas do resto do país, propiciou o primeiro contexto favorável para a expansão do adventismo no Brasil”.

Em sua análise, Seyferth (2000) demonstra que a comunidade alemã constituiu o grupo de imigrantes que menos influenciou a sociedade brasileira, devido, em boa parte, ao isolacionismo. Schünemann (2003), por sua vez, aponta para o fato de que a comunidade alemã no Brasil constituiu-se em importante elo para que a IASD pudesse lançar suas raízes nestas terras. Afinal,

[...] a associação do Adventismo com os alemães foi um fator importante para o estabelecimento da Igreja Adventista no Brasil, embora entre a comunidade lusófona do país também existe um forte sentimento milenarista, a cultura pietista de boa parte dos imigrantes alemães forneceu o elo básico para o adventismo lançar raízes no Brasil. O milenarismo brasileiro estrutura-se dentro de uma mentalidade católica popular que possui traços bem diferentes da mentalidade protestante popular na qual a IASD se formou nos Estados Unidos. Este distanciamento consistiu uma barreira inicial na qual a comunidade alemã serviu como uma ponte (SCHÜNEMANN, 2003, p. 38).

O modo como o adventismo estabeleceu relações estreitas com as comunidades alemãs no Brasil e a maneira como a mensagem adventista fluiu destas colônias pelo território indicam que a religião, assim como um sistema social, vai se organizando, de maneira que ao estabelecer relações dialéticas com indivíduos e grupos “[...] provocam reproduções de seu sistema sobre o conjunto da sociedade e reações por parte de indivíduos e grupos na busca de novos sistemas alternativos” (PASSOS, 2006, p. 43).

A obra de expansão denominacional em solo brasileiro avançava lentamente, tendo como plataforma a obra das literaturas e sua consequente abertura dos caminhos, além de contar com uma liderança e apoio de poucos pastores que trabalhavam espalhados pela América do Sul. Logo tornou-se perceptível a importância de uma organização para a manutenção identitária, bem como elemento basilar para outros progressos.

Os pastores conseguiam organizar igrejas com relativa facilidade, mas só seriam capazes de formar uma denominação viável se unissem os grupos esparsos de fiéis em uma entidade espiritual. A união de propósitos, ensinamentos e crenças requeria uma organização administrativa e disciplinada (GREENLEAF, 2011, p. 45).

À medida que a realidade denominacional adventista era envolvida por uma demanda de contornos organizacionais, administrativos e com força disciplinadora, a operatividade institucional se consubstanciava às burocracias religiosas. Deste modo, reforçava a o caráter inexorável da lógica para o funcionamento. Afinal,

As burocracias religiosas são organizações que adquirem essa espécie de “vida própria”, sendo que os sujeitos religiosos passam a servi-la, cada qual a seu modo, com poderes distintos de decisão e comando. Os sujeitos que têm poder de comando vão defender sua lógica e operar seu funcionamento, independentemente dos indivíduos que utilizam seus serviços (PASSOS, 2006, p. 40).

Os pioneiros do adventismo no Brasil concentraram energias em reforçar a obra realizada pelas vendas de literatura e o fizeram também por meio do evangelismo direto, que compreendia a realização de diversas palestras doutrinárias intensivas de breve ou longa duração. Spies e Graff, pastores ordenados, atendiam os adventistas brasileiros espalhados desde o extremo sul até o Rio de Janeiro. Apesar da limitação do atendimento pastoral, mas contando com o avanço da obra realizada pelos colportores, a inserção adventista multiplicava-se, tanto que, em 1897, o Brasil contava com cinco igrejas, quatro grupos menores, num total de 251 membros e 16 escolas sabatinas com quase 500 membros (THURSTON, 1897, p. 617-618).

Com o tempo, foi aumentando o número de adeptos e conversos à IASD no Brasil, principalmente em Santa Catarina, Rio Grande do Sul, São Paulo, Rio de Janeiro e Espírito Santo. Não demorou muito e logo apareceram as primeiras publicações denominacionais em português. Em 1896, foi lançado o livro *Vereda de Cristo* (conhecido hoje como *Caminho a Cristo*) que, tendo sido traduzido por Guilherme Stein Jr., foi publicado pela Casa Publicadora Adventista de Hamburgo, Alemanha³, e amplamente utilizado como instrumento mediador na evangelização empreendida pelos adventistas no Brasil.

A institucionalização da IASD no Brasil

Não demorou muito para que os pioneiros adventistas no Brasil percebessem a importância da diversificação da obra e da construção de instituições, bem como da organização de instâncias administrativas (Associações) economicamente independentes, a fim de que custeassem tais empreendimentos e avançassem na evangelização. Assim, “no fim da década de 1890, os adventistas do sétimo dia já haviam estabelecido uma diversidade de escolas, instituições de saúde, casas publicadoras e outras organizações” (GREENLEAF, 2011, p. 55).

Tal realidade diversificada da obra adventista verificada na profusão de instituições anunciava de modo velado que o objetivo final era o aumento na adesão de novos membros, afinal, “a adesão de indivíduos a uma nova proposta religiosa [...] inclui nexos de novos significados [...] e criação de estratégias de agregação dos novos adeptos em torno da nova mensagem” (PASSOS, 2006, p. 31).

Assim, em 1902, com a união das igrejas espalhadas no Brasil foi organizada uma Associação que reunia 15 congregações e 860 membros, e entre abril e setembro do ano seguinte foram realizadas sete reuniões gerais em todo o Brasil. Dessa maneira, “[...] os pioneiros do adventismo

³ Editorial Notes. *The advent review and sabbath herald*, Battle Creek, Michigan, v. 74, n. 2, p. 32, 12th Jan. 1897. Disponível em: <http://www.adventistarchives.org/docs/RH/RH18970112-V74-02_B.pdf#view=fit>. Acesso em: 15 set. 2011.

havam produzido uma congregação nuclear, a instituição básica da denominação [...] que os possibilitaria alcançar vitórias ainda mais elevadas” (GREENLEAF, 2011, p. 49).

Em 1906, tendo o adventismo alcançado relativo progresso na América do Sul, foi organizada uma instância administrativa que agrupou os países sul-americanos com presença adventista, uma União.

Nessa conjuntura, os adventistas estavam concentrando sua atenção em três áreas: Chile, principalmente ao sul de Santiago, a capital; logo ao redor que se estende ao norte desde a capital da Argentina, Buenos Aires, aos pampas produtores de trigo da Argentina; e terceiro, as planícies do sul do Brasil, que se estendiam até o interior e até o sul desde o grande porto marítimo de São Paulo (SCHWARZ; GREENLEAF, 2009, p. 283).

A matriz denominacional estadunidense, por ocasião da Assembleia da Associação Geral de 1901, havia promovido uma reorganização administrativa, posto que, por anos, o poder administrativo tornara-se centralizado e moroso, o que necessariamente apontava para as inadequações da estrutura denominacional vigente diante da crescente internacionalização da igreja. Schwarz e Greenleaf (2009), ao abordar a temática do novo sistema de governo que se instalou na Denominação, afirmam que: “A qualidade perdurável da estrutura da igreja reorganizada — a que permaneceu desde então — e a expansão do adventismo, que produziu mudanças de capital importância [...] são evidências do êxito extraordinário da ‘Grande Assembleia’” (p. 257).

Por sua vez, Prestes Filho (2006) sinaliza para além das motivações internas denominacionais, indicando que as transformações contextuais da época influíram como vetores na reorganização denominacional.

Uma mentalidade empreendedora refletiu na organização da IASD. Uma hierarquia administrativa foi estabelecida, com uma clara departamentalização. As grandes corporações, no início do século XX, sentiam necessidade de desenvolver melhor estrutura e controle para sua expansão, e a IASD foi influenciada por esse contexto (PRESTES FILHO, 2006, p. 48).

Os anos que sucederam à organização denominacional na América do Sul, mais especificamente no Brasil, demonstraram ter sido

a decisão acertada, pois a obra das escolas, publicações e saúde alavancou a expansão denominacional ampliando seus marcos para além da comunidade germânica. Tal avanço deve ser compreendido sob a égide da institucionalização religiosa, pois ela atua como processo que formaliza e fixa significados, valores e papéis religiosos e, assim, cria no grupo profissional condutas mais uniformes. Nesse esteio, Passos (2006) afirma que “a institucionalização assegura a coesão do grupo em torno das visões e das práticas religiosas que o caracterizam como distinto dos demais e do conjunto da sociedade” (p. 55).

O sistema educacional adventista lançou suas bases no Brasil de forma modesta, como iniciativa não oficial da Denominação. Segundo registros, em 1896 em Curitiba (PR) foi aberta uma escola adventista tendo como primeiro diretor do Colégio Internacional de Curitiba, Guilherme Stein Jr. Localizada em uma cidade de maioria alemã e tendo ensino ministrado em alemão e português, a escola passou de 8 matrículas no ano de abertura para cerca de 100 em fevereiro de 1897 (THURSTON, 1897, p. 219-220).

Em carta escrita ao periódico denominacional Dos Estados Unidos, Guilherme Stein Jr. apresenta a escola internacional de Curitiba, como também torna conhecidos aqueles que trabalhavam na escola, desde os professores até o vigia. Em sua carta, ele indica o número crescente de alunos matriculados enumerando alemães e brasileiros natos que estudavam na escola. A Figura 1 consiste numa foto tirada em 12 de dezembro de 1896 e enviada à revista (STEIN JR., 1897, p. 251).

Nos anos seguintes foram abertas várias outras escolas adventistas pelo Brasil. Destacam-se a escola de Gaspar Alto localizado em Brusque, Santa Catarina, e a de Taquari, Rio Grande do Sul, por figurarem juntamente com a escola de Curitiba como sendo as primeiras escolas adventistas no Brasil.

No ano de 1901, a IASD no Brasil já contava com cinco escolas, quatro das quais eram escolas confessionais e uma “secular” preparada para alunos não adventistas. Já nessa ocasião estavam sendo empreendidos esforços para abertura de outras duas escolas (THURSTON, 1901, p. 221). A obra educacional que se constituiu no Brasil, além de buscar alcançar o público em geral procurou prioritariamente a “[...] conservação da juventude na igreja e a preparação de obreiros” (GREENLEAF, 2011, p. 56).



Figura 1 – Foto dos que compunham o Colégio Internacional de Curitiba em 12 de dezembro de 1896

Fonte: *The Advent Review and Sabbath Herald*, 20 abr. 1897.

A obra de publicações é a mais antiga insituição no meio denominacional adventista. Dentre os fatores condicionantes para a amplitude do alcance e o sucesso do movimento milerita pode-se relevar o intenso uso da mídia impressa à disposição naquela época. Assim que, segundo Douglas (2001) “[...] publicar livretos, folhetos e periódicos era o segredo do sucesso do movimento milerita do Segundo Advento” (p. 362). De certa forma, os adventistas demonstraram inspiração na “[...] experiência milerita para difundir seus conceitos de verdade religiosa em contínua expansão” (SCHWARZ; GREENLEAF, 2009, p. 69).

E no Brasil, seu início se deu logo de imediato, pois o grupo de não adventistas tornava-se potencial a ser despertado a fim de gerar conversões. Além dos riscos financeiros serem mínimos, a obra das publicações estava associada ao projeto missionário de “espalhar as novas”.

Quando F. H. Westphal empreendeu sua viagem ao Brasil em 1895, visitou em Piracicaba (SP) Guilherme Stein Jr. que, depois de batizado, tornou-se diretor do Colégio Internacional de Curitiba e editor das

publicações adventistas no Brasil. Sua fluência no português e alemão, além do conhecimento de inglês, fizeram desse personagem a escolha natural para assumir o papel de editor. Em carta à administração estadunidense, Westphal (1895, p. 459) informou que Guilherme Stein Jr. havia adquirido um exemplar de *Steps to Christ* (Caminho a Cristo) e, tendo feito a própria tradução, demonstrava-se interessado em traduzir outros livros adventistas. Logo, não demorou muito e

As edições em português das revistas *O Arauto da Verdade* (1900-1913), *Sinais dos tempos* (1913-1918) e de *O Atalaia* foram inicialmente realizadas em Taquari, Rio Grande do Sul, em prelo manual, quando foi criada a Sociedade Internacional de Tratados do Brasil, igualmente patrocinando edições em alemão e português, respectivamente [...] (OLIVEIRA FILHO, 2004, p. 172).

A foto a seguir tem valor histórico para a Denominação, pois, além de apresentar os primeiros funcionários da editora adventista, destaca aqueles que foram os primeiros administradores, figurando entre eles Guilherme Stein Jr. (Figura 2).



Figura 2 – Servidores da Casa Publicadora Adventista em 1910

Fonte: LESSA, 2000b, p. 13.

Depois de algumas mudanças, a editora adventista brasileira finalmente se instalou em Tatuí (SP), assumindo o nome oficial de *Casa Publicadora Brasileira* (CPB) em 1920. Em uma síntese histórica do percurso da CPB da década de 1930 aos anos da década de 1960 em seus investimentos, Matos (1993) destaca que:

Para a instituição a década de 30 foi fraca, pois sentiu os reflexos da crise de 1929. Mas, na década de 40 foram feitos muitos investimentos neste setor. Muitas obras foram lançadas. Já na década de 50, surge a literatura infantil, filão que hoje rende bons dividendos, especialmente com a publicação de material didático. Começou nesta mesma década o hábito de se publicar anualmente um livro de “Meditações Matinais”, onde as famílias adventistas lêem-no diariamente, uma página no culto doméstico. Na década de 60 houve um avanço jamais visto. Praticamente um livro novo por mês saiu do prelo (MATOS, 1993, p. 57).

Em 2000, por ocasião do centenário da *Casa Publicadora Brasileira*, Lessa (2000a) relembrou que, desde a época de Guilherme Stein Jr., o primeiro editor adventista no país, a obra das publicações floresceu enormemente.

A semente de *O Arauto da Verdade* inspirou o plantio de outras sementes, das quais germinaram revistas importantes, como *Vida e Saúde*, *Mocidade*, *Nosso Amiguinho*, etc. No solo do idealismo pioneiro, medraram também milhares e milhares de livros e folhetos nas áreas de saúde, doutrina, educação familiar e, por último, os livros didáticos (LESSA, 2000a, p. 2).

O então presidente do Brasil, Fernando Henrique Cardoso, em sua mensagem por ocasião do centenário da Casa Publicadora Brasileira explicitou que o idealismo adventista que aqui se desenvolveu certamente dialogou com a trama histórica da sociedade brasileira. Assim, afirmou que:

Desde sua criação, a Casa Publicadora Brasileira sempre soube manter-se fiel a uma proposta orientada pelo compromisso com os temas de fé, sem perder de vista a realidade concreta da sociedade em que seus temas se inserem. Esse compromisso amplo se revela, por exemplo, a partir dos anos 20, quando é adotada a decisão de concentrar seus esforços de publicação nas áreas de educação familiar, da saúde e da religião (CARDOSO, 2000, p. 9).

Considerações finais

É tão importante conhecer as condições institucionais quanto as condições sociais da produção de bens simbólicos, conforme afirma Bourdieu (1997, p. 157), que assinala a importância “[...] de observar, portanto, os produtores da mensagem religiosa, os interesses específicos que animam as estratégias [...]”.

A observação atenta da maior parte das publicações adventistas indica que a Denominação não apostou em um proselitismo direto estrito, mas sim buscou ocupar cada vez mais espaço no mercado de bens religiosos. Segundo Bellotti (2005, p. 105), é imprescindível lembrar que “[...] todo produto de mídia religiosa possui uma dupla natureza: a instrução e a divulgação”.

A constante atualização das publicações, diversidade de temas e a profusão de abordagens e suportes apresentados nos produtos adventistas indicam que os agentes institucionais estiveram atentos às mudanças ocorridas no contexto social, o que convém afirmar que a “[...] compatibilidade entre a religião e mudança social garante-se com uma mudança no próprio *modus operandi* dessa produção simbólica em uma sociedade secularizada” (MARTINO, 2003, p. 28).

Nos tempos atuais, vive-se um período caracteristicamente marcado por uma “sociedade de comunicação”. Assim, é possível ter a indicação patentemente sedimentada de que “a Igreja Adventista se apresenta atenta ao seu tempo ao desenvolver sua mensagem religiosa por intermédio de várias frentes e por fomentar e gerir a atuação de empresas, em variados setores, como parte de sua missão” (FONSECA, 2008, p. 97).

A continuidade do fervor avivado no meio adventista referente ao papel a ser desempenhado pelas publicações na obra adventista aponta para uma das características fundamentais de qualquer tradição, que “[...] é justamente sua capacidade de encontrar em si mesma os referenciais simbólicos para a explicação do presente, atualizando-se cada época em sua explicação” (MARTINO, 2003, p. 50).

Outro ramo institucional adventista no Brasil de grande importância para a Denominação foi a obra médico-missionária estabelecida no país. No rastro desse empreendimento, a IASD lançou fortes raízes em

diversas regiões. Ao abordar a temática da obra médico-missionária adventista, Oliveira Filho (2004) ressalta que:

Desde que iniciaram suas atividades no Brasil, a preocupação dos adventistas com serviços médicos, uma das principais maneiras de “pregação da Volta de Cristo” deu origem a inúmeros hospitais (como Silvestre, no Rio de Janeiro), clínicas e ao atendimento às populações indígenas (desde 1928 os adventistas têm, por exemplo, contatos com os Carajás do Rio Araguaia) e às populações ribeirinhas do São Francisco, Araguaia e Amazonas através de lanchas médico-missionárias (neste último rio, o pastor L. B. Halliwell, em vinte e cinco anos, atendeu a 250 mil pessoas, a partir de 1931, deixando, na região, 22 igrejas, 56 Escolas Sabatinas, três mil adeptos batizados, um hospital e quinze escolas primárias), estas lanchas atendendo a aproximadamente 35 mil pessoas por ano, nos rios Amazonas e Parnaíba (OLIVEIRA FILHO, 2004, p. 172).

Dessa forma, o que se percebe é que a IASD, ao implantar-se no Brasil, efetivou um intenso trabalho de expansão, mas para isso lançou mão de instituições que lhe favorecessem êxito na empreitada. Seguindo essa direção, Greenleaf (2011) assinala que:

A institucionalização teve início nessas regiões antes que as igrejas fossem unidas numa hierarquia organizacional. As instituições, bem como as igrejas, ajudaram a criar a estrutura organizacional necessária. Uma vez estabelecidas, alimentavam uma a outra: o crescimento da igreja contribuía para as instituições e estas auxiliavam o crescimento da igreja (GREENLEAF, 2001, p. 75).

Por fim, convém perceber que a institucionalização desenvolvida no seio do adventismo relaciona-se com o que Leonard (1963) identifica quando afirma que a confessionalidade de muitas denominações protestantes se dá por meio da propaganda religiosa indireta, na qual “[...] a fé prática das igrejas norte-americanas levou-as a um grande desenvolvimento das instituições para-eclesiásticas, que ofereciam a vantagem de permitir uma propaganda indireta, contribuindo para a criação do Reino de Deus na Terra [...]” (LEONARD, 1963, p. 162).

Como acontece com os movimentos religiosos com ênfase reformadora, a IASD apresentou-se em seus primórdios como um movimento religioso de negação do mundo e sociedade, mas depois passou a desenvolver mecanismos internos de inserção no panorama social, cultural e político da sociedade (CAMPOS, 2004). Nesta direção, Passos (2006, p. 18) indica que “uma organização religiosa significa um estágio de racionalização do sistema religioso que se torna capaz de articular coerentemente regras e papéis, discursos e práticas, estruturas e dinâmicas”.

Enfim, cumpre-nos apontar que a inserção da Igreja Adventista do Sétimo Dia (IASD) em terras brasileiras foi constituinte do espectro maior da empreitada estadunidense no Brasil, que, tendo feito da Europa solo fértil para evangelização, desembarcou em solo brasileiro nas correntes imigratórias europeias. Todavia, tal Denominação estabeleceu estreita relação com a chegada do Protestantismo no continente sul-americano. O processo de institucionalização denominacional que permeou a inserção e o desenvolvimento da IASD nestas terras aponta para o fato de que a inserção da mesma no Brasil foi balizado por amplas e imbricadas relações com diversos fatores sociohistóricos que, por sua vez, atuaram como condicionantes.

Referências

AZEVEDO, F. **A cultura brasileira**. 5. ed. São Paulo: Melhoramentos; Edusp, 1971. (Obras completas, v. XIII).

BELLOTTI, K. K. **Mídia presbiteriana no Brasil**: luz para o caminho e editora cultura cristã (1976-2001). São Paulo: Annablume; Fapesp, 2005.

BORGES, M. **A chegada do adventismo no Brasil**. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2000.

BOURDIEU, P. **Sobre a televisão**. Trad. de Maria Lucia Machado. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1997.

CALDEIRA, J. et al. **Viagem pela história do Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

CAMPOS, L. S. Protestantismo e mudança social. In: SOUZA, B. M.; MARTINO, L. M. S. (Org.). **Sociologia da religião e mudança social**. São Paulo: Paulus, 2004.

CARDOSO, F. H. Mensagem do senhor presidente da República por ocasião do centenário da Casa Publicadora Brasileira. **Revista adventista**, ano 96, n. 6, jun. 2000. Disponível em: <<http://www.revistaadventista.com.br/>>. Acesso em: 22 set. 2011.

DOUGLAS, H. E. **Mensageira do senhor**: o ministério profético de Ellen G. White. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2001.

FONSECA, A. B. Muito além do sábado: o pioneirismo adventista na mídia eletrônica religiosa. **Revista de Estudos da Religião**, v. 8, p. 89-100, set. 2008. Disponível em: <http://www.pucsp.br/rever/rv3_2008/index.html>. Acesso em: 10 ago. 2011.

GREENLEAF, F. **Terra de esperança**: o crescimento da Igreja Adventista na América do Sul. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2011.

LEONARD, E. **O protestantismo brasileiro**: estudo de eclesiologia e história social. São Paulo: Aste, 1963.

LESSA, R. Bênçãos e lições dos cem anos da Casa Publicadora Brasileira. **Revista Adventista**, ano 96, n. 6, jun. 2000a. Disponível em: <<http://www.revistaadventista.com.br/>>. Acesso em: 22 set. 2011.

LESSA, R. Editorial. **Revista Adventista**, v. 96, n. 1, jan. 2000b. Disponível em: <<http://www.revistaadventista.com.br/>>. Acesso em: 22 set. 2011.

MARTINO, L. M. S. **Mídia e poder simbólico**: um ensaio sobre comunicação e campo religioso. São Paulo: Paulus, 2003.

MATOS, J. S. A. **Memória e história do trabalho missionário adventista no Brasil**. 1993. 174 f. Dissertação (Mestrado em História) — Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 1993.

MENDONÇA, A. G. Protestantismo brasileiro, uma breve interpretação histórica. In: SOUZA, B. M.; MARTINO, L. M. S. (Org.). **Sociologia da religião e mudança social**: católicos, protestantes e novos movimentos religiosos no Brasil. São Paulo: Paulus, 2004.

MENDONÇA, A. G. **O celeste porvir**: a inserção do protestantismo no Brasil. 3. ed. São Paulo: EdUSP, 2008.

MESQUIDA, P. **Hegemonia norte-americana e educação protestante no Brasil**. Juiz de Fora: EdUFF; São Bernardo do Campo: Editeo, 1994.

OLIVEIRA FILHO, J. J. de. Formação histórica do movimento adventista. **Estudos Avançados**, v. 18, n. 52, p. 157-179, 2004. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_issuetoc&pid=0103-401420040003&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 10 ago. 2011.

PASSOS, J. D. **Como a religião se organiza**: tipos e processos. São Paulo: Paulinas, 2006.

PRESTES FILHO, U. F. **O indígena e a mensagem do segundo advento**: missionários adventistas e os povos indígenas na primeira metade do século XX. 2006. 375 f. Tese (Doutorado em História Social) — Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2006. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/>>. Acesso em: 10 set. 2011.

SCHÜNEMANN, H. E. S. A inserção do adventismo no Brasil através da comunidade alemã. **Rever**, v. 3, n. 1, p. 27-40, 2003. Disponível em: <http://www.pucsp.br/rever/rv1_2003/index.html>. Acesso em: 10 ago. 2011.

SCHWARZ, R. W.; GREENLEAF, F. **Portadores de luz**: história da Igreja Adventista do Sétimo Dia. Engenheiro Coelho: Unaspres, 2009.

SEYFERTH, G. A colonização alemã no Brasil: etnicidade e conflito. In: FAUSTO, B. (Org.). **Fazer a América**. São Paulo: Edusp; Fundação Alexandre de Gusmão, 2000.

STEIN JR., W. Our international school in Brazil. **The Advent Review and Sabbath Herald**, v. 74, n. 16, p. 251, Apr. 1897. Disponível em: <http://www.adventistarchives.org/doc_info.asp?DocID=90024>. Acesso em: 16 set. 2011.

THURSTON, W. H. A trip to Southern Brazil. **The Advent Review and Sabbath Herald**, v. 74, n. 14, p. 219-220, Apr. 1897. Disponível em: <http://www.adventistarchives.org/doc_info.asp?DocID=90691>. Acesso em: 16 set. 2011.

THURSTON, W. H. Brazil. **The Advent Review and Sabbath Herald**, v. 78, n. 14, p. 221, Apr. 1901. Disponível em: <http://www.adventistarchives.org/doc_info.asp?DocID=91343>. Acesso em: 20 set. 2011.

TIMM, A. R. Primórdios do adventismo no Brasil – parte 1. **Revista Adventista**, p. 12-14, jan. 2005a. Disponível em: <<http://www.revistaadventista.com.br/default.cpb?cmdPage=login#>>. Acesso em: 10 set. 2011.

TIMM, A. R. Primórdios do adventismo no Brasil – parte 2. **Revista Adventista**, p. 12-14, fev. 2005b. Disponível em: <<http://www.revistaadventista.com.br/default.cpb?cmdPage=login#>>. Acesso em: 15 set. 2011.

WESTPHAL, F. H. South America – Brazil. **The Advent Review and Sabbath Herald**, v. 72, n. 29, p. 459, July 1895. Disponível em: <http://www.adventistarchives.org/doc_info.asp?DocID=89018>. Acesso em: 15 set. 2011.

Recebido: 15/09/2013

Received: 09/15/2013

Aprovado: 02/12/2013

Approved: 12/02/2013